



Controle depende de ação conjunta

Surtos do inseto causados pelo uso intenso de vinhaça da cana-de-açúcar infestam a bovinocultura causando incômodo aos animais e perda de produção para a atividade

ANDRÉ PASSOS

O período chuvoso, que seria alívio para o pecuarista, marca o início da temporada de pragas como a mosca-dos-estábulo. O inseto já causa estragos com grande intensidade em cinco Estados brasileiros há pelo menos cinco anos e gera prejuízos. Com capacidade de postura de 100 a 500 ovos, o volume de moscas em épocas de surto chega a aumentar em 1000%. O inseto encontrou em áreas de plantação de cana-de-açúcar, irrigadas com vinhaça, locais propícios para a postura de ovos. Parcerias entre usinas e produtores já começam a surtir efeitos, mas a vigilância deve ser contínua, dizem especialistas.

As estimativas de prejuízos causados não são exatas. Uma delas, feita em 2002 e tida como uma das mais atuais pela Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), sugere perdas anuais associadas a esta mosca de cerca de 100 milhões de dólares para a bovinocultura. De acordo com o pesquisador da Embrapa Gado de Corte, especialista em parasitologia animal e condutor de várias pesquisas com a mosca, Paulo Henrique Duarte Cançado, outra pesquisa aponta que a cada 10 mil toneladas de cana-de-açúcar processada a indústria tenha que desembolsar R\$ 100 mil com a prevenção.

Reflexo: perdas anuais para a bovinocultura são estimadas em cerca de 100 milhões de dólares

De fato o inseto sempre existiu e é antigo conhecido do pecuarista. No entanto, a mosca-dos-estábulo efetua a postura onde há acúmulo de resíduos orgânicos de origem vegetal ou animal, em processo de decomposição ou de fermentação e, diante da dimensão da produção canaveira, tem ambiente ideal para se multiplicar a números alarmantes.

Os problemas começaram na década de 1980, pouco após a criação do Próalcool brasileiro, em 1975, que proibiu o despejo de vinhaça em leitos de água, criando "áreas de sacrifício" ou depósitos para o subproduto, lembra o pesquisador da Embrapa Gado de Corte, especialista em entomologia veterinária Thadeu Barros.

Em julho de 1998, o Decreto número 2.661 proibiu o emprego do fogo em práticas agropastoris e florestais e a palhada da cana, antes queimada, passou a ficar depositada sobre o solo. Na sequência, normas técnicas foram adotadas no País, e a vinhaça passou a ser usada no processo de fertirrigação a fim de acabar com o acúmulo do produto em tanques, mas não causou problemas vários anos.

A vinhaça que caía sobre o solo e era absorvida passou a ser depositada sobre a palhada, que diminui a absorção e inicia processo de fermentação. Por volta dos anos de 2008 e 2009 o problema começou a ter maior gravidade. Desde lá, Barros conta que a situação tem piorado, a não ser em locais onde se tem o comprometimento de ambas as partes envolvidas na busca por soluções.

A usina concentra sua colheita na seca, que vai de março a outubro. Nesse período o natural seria que a população de moscas caísse a quase zero nas fazendas. Mas é também nesses oito meses que a indústria joga vinhaça sobre a palha. As moscas saem das fazendas de pecuária, atraídas pela umidade de odor característicos do subproduto da cana-de-açúcar e encontram em acúmulos de vinhaça provenientes de vazamentos na irrigação, ou fertirrigação, ambientes adequados para a reprodução.

De novembro a abril, com o tempo chuvoso nas principais regiões produtoras, a umidade nas fazendas é maior e criam-se ambientes para a procriação nas propriedades rurais dedicadas à bovinocultura. Nesse período de infestação, as perdas no ganho de peso no gado de corte podem chegar 20% e a produção de leite pode cair até 60%.

A tendência seria de que a população de moscas só começasse a aumentar na fazenda após as chuvas, mas com a movimentação das usinas, nesse período já existe uma superpopulação de moscas que precisam se alimentar. "A mosca não chupa cana. Ela vai para a usina se reproduzir depois volta para chupar sangue do animal", diz Paulo Henrique Duarte Cançado, da Embrapa Gado de Corte.

Paulo Henrique Cançado: "[a mosca] vai para a usina se reproduzir depois volta para chupar sangue do animal"



Kadliah Suleiman

Praga afeta mais de 130 municípios

Os Estados de Minas Gerais, São Paulo e Mato Grosso já possuem mecanismos legais para fazer a queima preventiva de cana após a colheita. Nos demais casos, há a possibilidade de se fazer a queima para a cogeração de energia elétrica, embora o pesquisador da Embrapa Gado de Corte, especialista em entomologia veterinária, Thadeu Barros, observe que, no momento, essa queima está inviável por conta do custo da energia.

De todo modo, os problemas mais graves concentram-se em cinco Estados: Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, São Paulo, Goiás e Minas Gerais. Nesses, mais de 130 municípios enfrentam problemas com a proliferação de moscas em usinas. Segundo Barros, o discurso de que a usina não tem responsabilidade não tem mais espaço. Sua participação, diz ele, é efetiva no surto, mas o pecuarista também tem sua responsabilidade. A diferença é que a indústria é apontada como tendo uma participação maior na produção de moscas.

"É uma questão complexa que envolve duas cadeias produtivas muito fortes e que a solução ou mitigação do problema passa por medidas bilaterais porque a mosca sai da fazenda, é multiplicada nas usinas. É por isso que as par-

Pecuaristas vão atrás de socorro

Em Goiás, o surto começou a cerca de cinco anos, diz o presidente da Comissão de Pecuária de Leite da Federação da Agricultura e Pecuária de Goiás (Faeg) e pecuarista da região do município de Jataí (GO), Antônio da Silva Pinto, e em momentos de pico a população de mosca-do-estábulo chegou a aumentar em 1000%. Houve momentos em que o produtor precisou parar de ordenhar as vacas. "Houve casos de produtor vender o gado e ir para a cidade", diz ele.



Kadliah Suleiman

Thadeu Barros: "Solução ou mitigação do problema passa por medidas bilaterais"

tes devem trabalhar mais sintonizadas para conseguirem bons resultados. Locais que têm trabalhado assim, têm tido melhores resultados", observa Barros.

Em todos os Estados onde foram registrados surtos da mosca-dos-estábulo, há usinas empenhadas a resolver o problema em parceria com o produtor, sindicatos, unidades da Embrapa e universidades. Mas, segundo Barros, não se está medindo os efeitos desses esforços empenhados em resolver o problema. "Há poucas equipes com competência técnica hoje para medir a quantidade de moscas e observar se as ações, como a escarificação do solo e redução da aplicação da vinhaça estão surtindo resultados. Sem isso, não podemos mensurar se estamos no caminho certo ou por onde devemos seguir".

Em Gouvelândia (GO), um dos primeiros municípios a registrar surto da mosca, o presidente do Sindicato Rural do município, Luiz Gonzaga Vieira, diz que nem todas as usinas tomaram medidas para resolver o problema. "Algumas não fizeram nada e ainda tem muito vazamento de vinhaça por todos os lados. Alguns produtores, no desespero, usaram inseticidas fortes. Onde não tem a vinhaça não tem problema, porque a mosca procura a fazenda mais próxima.

Ela não sai escolhendo”.

Na região, uma das que adotaram medidas de contenção à mosca foi a Usina de etanol Raízen, em Jataí. Entre as medidas a empresa diz ter reduzido em 10% a aplicação de vinhaça líquida e passado a compostar 100% do resíduo sólido, além de escarificar toda a sua bacia de vinhaça.

O pecuarista de Gouvelândia, Antônio Cardoso do Amaral, conhecido como Tônico, foi um dos que enfrentou graves problemas com o surto. “Tivemos que vender vários animais porque a infestação estava muito grande”, diz ele. Sua propriedade fica a poucos metros de uma usina e as moscas atacavam até galinhas e seres humanos. Este ano, com a adoção de práticas de manejo adequadas, ele espera que não haja problemas graves.

OUTROS FOCOS

A assessora técnica da Federação da Agricultura e Pecuária de Goiás (Faeg), Christiane Rossi, lembra que, em 2011, a entidade recebeu grande número de reclamações deste município e também de pecuaristas de Cabeceiras de Goiás, Jataí e Quirinópolis. Além das usinas, também houve problemas com a proliferação de moscas em rejeitos da cafeicultura, granjas e qualquer meio produtivo que gere resíduos sólidos. A casca do café era usada como matéria orgânica, contribuindo para o surto.

Christiane conta que em casos graves como os que ocorreram em Goiás o gado se reúne em círculos para deixar o mínimo de corpo à disposição das moscas. “Alguns chegam a ferir as caldas de tanto bater para espantar. Produtores venderam a propriedade, venderam animais e houve desavenças com as usinas. Até galinhas corriam das moscas em desespero. Com a tarefa e envolvimento feitos em benefício de todos, imagino que neste ano tenhamos bem menos problemas”.

Antônio da Silva Pinto: “Houve casos de produtor vender o gado e ir para a cidade”

Umidade elevada favorece sobrevivência de larvas

Muito semelhante à mosca doméstica em tamanho, forma e coloração, a mosca-dos-estábulos (*Stomoxys calcitrans*), também é conhecida por outros nomes, como mosca do bagaço, mosca da vinhaça e mosca da cana. A diferença, morfológica é uma espécie de tromba, que seria tecnicamente o aparelho bucal, fácil de ser visualizado.

O inseto tem hábito alimentar diferente e leva apenas entre um e três minutos para encher seu abdômen de sangue ao picar o animal. Feito isso, procura local ao abrigo do sol para se proteger tanto de predadores, quanto do ambiente e do solo. De picada dolorosa, semelhante à do mosquito borrachudo e pouco inferior à da conhecida mutuca, é calculado que entre quatro a cinco sejam suficientes para causar desconforto significativo ao animal.

A sobrevivência de suas larvas é favo-

recida na presença de umidade elevada e temperatura entre 15°C e 30°C. Segundo a assessora técnica da Federação da Agricultura e Pecuária de Goiás (Faeg), Christiane Rossi, restos de culturas ou de alimentos (feno, silagem, material verde picado, palha de forrageiras) e outros tipos de material orgânico, como cama de aviários, fezes de animais domésticos, especialmente de bovinos e suínos, dentre outras, também podem servir como substrato para o desenvolvimento das larvas da mosca.

A vinhaça é um resíduo líquido, subproduto da produção de etanol e açúcar, jogada sobre as lavouras de cana, em um processo de fertirrigação. No entanto, ao ser aspergida, vazamentos em dutos e tubulações geram poças ideais para a postura de ovos do mosquito adulto. Ao eclodirem, os mosquitos, que se alimentam de sangue, buscam animais de propriedades próximas, fazendo o caminho inverso.

COMO CONTROLAR OS SURTOS DE MOSCA-DOS-ESTÁBULOS

Usina

- ▶ Distribuição fracionada da vinhaça com intervalo suficiente para que permita ser rapidamente absorvida pelo solo;
- ▶ Se possível não distribuir vinhaça quando o solo ainda estiver encharcado;
- ▶ Compostagem do resíduo sólido que é a fuligem e a torta de filtro;
- ▶ Usar anéis de dupla vedação (veda a tubulação de vinhaça) para evitar vazamentos de linhaça nas linhas;
- ▶ Escarificação da bacia de vinhaça da área;
- ▶ Queima profilática da palhada com autorização da Secretaria do Meio Ambiente;
- ▶ Aplicação de cal em áreas de

concentração de vinhaça.

Propriedades rurais

- ▶ Uso de bandeiras nas cores preta e azul para desviar as moscas do foco dos animais;
- ▶ Limpeza dos cochos e currais, impedindo acúmulo de fezes e restos de alimento, o que evita também a umidade nestas regiões;
- ▶ Aplicação de cal nas áreas de acúmulo de umidade;
- ▶ Evitar o uso de cama de frango;
- ▶ Manter a higiene das instalações, limpando sistematicamente as fezes e restos alimentares;
- ▶ Avaliar a eficácia dos princípios ativos de produtos químicos antes de sua aplicação no controle da mosca.